

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

CARLIONE RAMOS

DIÁRIO DE PASSAGEM – Poética de um corpo habitado



Brasília
2019

CARLIONE RAMOS

DIÁRIO DE PASSAGEM – Poética de um corpo habitado

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado para
obtenção do grau de Bacharel no Curso de Design, da
Universidade de Brasília

Orientadora: Professora Nayara Moreno de Siqueira

Brasília

2019

Dedico este trabalho aos meus padrinhos que me ofereceram total apoio durante a minha formação acadêmica e com isso concretizo um grande passo em minha vida. Também o dedico a todas as mulheres fortes que encontrei e que me acolheram durante todo este meu percurso.

AGRADECIMENTOS

Foram tantas conversas, tantas parcerias! Sou grata a todos os professores de vida! Quero aproveitar este momento para agradecer às senhorinhas que cuidaram de mim durante a infância, aos meus tios que me educaram e me ensinaram o caminho.

Quero agradecer especialmente à tia Lia, que sempre esteve ao meu lado, à tia Laura, ao tio avô e à tia Bastú, pessoas que me ensinaram o valor da humildade.

À minha orientadora profa. Nayara pelas orientações, suporte e acolhimento durante todo o curso e neste período de trabalho.

Aos meus padrinhos Leisa e Evandro que me receberam em sua casa, um agradecimento emocionado a cada um deles por me orientarem e me oferecerem todo o suporte necessário para crescer e aprender a lidar com a vida.

Aos amigos, colegas, professores e todos aqueles que, de alguma forma, contribuíram para a construção deste trabalho.

RESUMO

Ao pensarmos sobre a identidade de uma escola, logo nos remetemos à grade curricular, práticas, vivências e atividades que ocorrem todos os dias em salas de aula e corredores.

Inserir um diário no contexto didático permite o registro dessas atividades a partir do olhar de cada estudante, professor ou funcionário que participa do espaço escolar. Como um corpo, a escola respira e necessita que cada indivíduo que por ela transita esteja aberto a experimentar, vivenciar e se sentir seguro para falar de si e dos seus sentimentos. A proposta do diário de passagem é alcançar cada um destes sujeitos por meio de rodas de conversa, oficinas práticas e conceitualização de ideias através do design.

Neste projeto piloto, as imagens seguem um percurso de criações que se desdobra imerso em histórias de vida, relacionamentos e experiências durante as várias fases da minha vida como artista e arte educadora. Para facilitar o processo, usei como referência cartas de tarô e suas relações com as simbologias divinas e a vida real. Além das cartas, este texto pretende se inspirar nas cores e sentimentos encontrados nos trabalhos de dois artistas muito importantes no cenário brasileiro das artes visuais: Rosana Paulino e Leonilson.

O projeto piloto de um diário de passagem propõe o design de um objeto voltado para pessoas que sentem a necessidade de se expressar, contar suas histórias por meio da utilização de técnicas como costura, colagem, desenho, escrita e tantas outras formas de criação. A ideia é poder atender pessoas com dificuldades para manter relações sociais ou em processo depressivo a encontrar um caminho mais leve, criativo e fluido para lidar com estas questões. Baseado em pesquisas bibliográficas focadas em design emocional e de experiências, a proposta é construir um diário que materialize elementos para a representação simbólica dos corpos e dos seus sentimentos nas escolas públicas.

Palavras-chaves: diário de passagem, design emocional, meios expressivos, técnicas manuais, ambiente escolar

ABSTRACT

When we think about the identity of a school, we soon refer to the curriculum, practices, experiences and activities that occur every day in classrooms and corridors. Inserting a diary in the didactic context allows the recording of these activities from the eyes of each student, teacher or employee who participates in the school space. As a body, the school breathes and needs every individual who travels through it to be open to experiencing, experiencing and feeling safe to talk about themselves and their feelings. The purpose of the changeover diary is to reach each of these subjects through conversation wheels, practical workshops and conceptualization of ideas through design.

In this pilot project, the images follow a path of creations that unfolds immersed in life stories, relationships and experiences during the various stages of my life as an artist and art educator. To make the process easier, I used tarot cards and their relationships to divine symbols and real life as a reference. In addition to the letters, this text aims to be inspired by the colors and feelings found in the works of two very important artists in the Brazilian visual arts scene: Rosana Paulino and Leonilson.

The pilot project of a passing journal proposes the design of an object aimed at people who feel the need to express themselves, tell their stories through the use of techniques such as sewing, collage, drawing, writing and many other forms of creation. The idea is to be able to meet people with difficulties to maintain social relations or in a depressed process to find a lighter, creative and fluid way to deal with these issues. Based on bibliographic research focused on emotional design and experiences, the proposal is to build a diary that materializes elements for the symbolic representation of bodies and their feelings in public schools.

Keywords: logbook, emotional design, expressive media, manual techniques, school environment

LISTA DE FIGURAS

INTRODUÇÃO

Figura 01 – <i>Sketchbook</i> – Carlione Ramos. Agosto de 2018. Fonte: Arquivo pessoal	11
Figura 02 – Criações sobre processo depressivo 2019. Fonte: Arquivo pessoal	13
Figura 03 – Experimentos com costura sobre papel e tecido – Fonte: a autora	14
Figura 04 – Ilustração de Maíra Martines. Fonte: saude.abril.com.br	16

CAPÍTULO I

Figura 05 – Texturas de Arlene D. Morris. Fonte: www.arlenemorris.com	17
Figura 06 – ‘Parede da memória’ de Rosana Paulino. Fonte: www.rosanapaulino.com.br	19
Figura 07 – Impressão digital - Rosana Paulino, 2017. Fonte: www.rosanapaulino.com.br ...	23
Figura 08 – Obra sem título - Rosana Paulino. Fonte: www.rosanapaulino.com.br	24
Figura 09 – Sentir na pele. Fonte: revistatrip.uol.com.br/tpm/rosana-paulino-sentir-na-pele..	24
Figura 10 – José Leonilson - Cidades Europeias 1988. Fonte: www.escriitoriodearte.com/artista/jose-leonilson	26
Figura 11 – Jogos perigosos – 1990. Fonte: cultura.estadao.com.br	27
Figura 12 – Todos os rios levam a sua boca 1988- Fonte: Cultura Estadão	27
Figura 13 – Representações de cartas de tarô. Fonte: guddi.com/introduction-al-tarot	29

CAPÍTULO II

Figura 14 – Estudos de expressões faciais. Fonte: Arquivo pessoal	31
Figura 15 – Estudo para arcanos maiores - três irmãos 2018. Fonte: a autor	32
Figura 16 – Representação da carta o mago - Alice Smeets Fonte: desapropriammedemim.com.br/o-tarot-haitiano-de-alice-smeets	33
Figura 17 – Tarô Haitiano – Alice Smeets	33
Figura 18 – Estudo de vestes de personagens	34
Figura 19 – Aplicação de grafismos em peças	35
Figura 20 – Símbolos e padrões aplicados	36
Figura 21 – Ilustração para a matriarca	38
Figura 22 – O imperador	39
Figura 23 – Estudo para construção de personagens 1.....	40
Figura 24 – Estudo para construção de personagens 2.....	41
Figura 25 – Estudo para construção de personagens 3.....	42
Figura 26 – Estudo para arcanos maiores 4.....	43
Figura 27 – Estudo para arcanos maiores 5.....	44
Figura 28 – Estudo para construção de personagens 6	45

CAPÍTULO III

Figura 29 - Estudo de características	45
Figura 30 - Páginas de diário com escritas e representações - projeto piloto 1.....	46
Figura 31 - Páginas de diário com escritas e representações - projeto piloto 2	49
Figura 32 - Páginas de diário com escritas e representações - projeto piloto 3	50
Figura 33 - Páginas de diário com escritas e representações - projeto piloto 4	51
Figura 34 - Páginas de diário com escritas e representações - projeto piloto 5.....	51
Figura 35 - Estudantes do CED São Francisco junto a cartazes	52

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO I – BASES PARA O PROJETO ‘DIÁRIO DE PASSAGEM’	17
1.1 – No design.....	17
1.2 – Em Rosana Paulino.....	22
1.3 – Em Leonilson	24
CAPÍTULO II – O TARÔ COMO FACILITADOR	28
2.1 – Tarô	29
2.2 – Retratar a si e a própria comunidade	33
2.3 – A presença dos grafismos afro indígena	34
2.4 – A origem dos personagens	35
2.5 – Arcanos maiores e suas representações	35
CAPÍTULO III – O DIÁRIO COMO EXPRESSÃO	43
3.1 – O Corpo como morada	43
3.2 – Recontar sua história	45
CONSIDERAÇÕES FINAIS	49
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	51

INTRODUÇÃO

Este trabalho expõe o processo de criação de um modelo de diário de passagem, ou seja, um livro que retrata a minha construção identitária a partir de ilustrações, *sketchbooks*, bordados e colagens, para demonstrar de forma expressiva de todo um percurso artístico na arte e no design. São apresentadas práticas pessoais de criação e relatos de algumas experiências em sala de aula que estimularam o interesse por um objeto sensorial que convida a falar de si mesmo, a sua maneira, por meio de rodas de conversa, oficinas criativas e atividades voltadas para novas posições de identificação de problemas emocionais.

O diário de passagem difere de um livro objeto, pois a proposta é aliá-lo a práticas sociais que possuam algum significado na vida dos sujeitos, tendo como objetivo se tornar uma ferramenta de apoio na construção de processos identitários, principalmente para estudantes de nível fundamental e médio em sala de aula. A Figura 01 representa um esboço das representações do diário modelo.

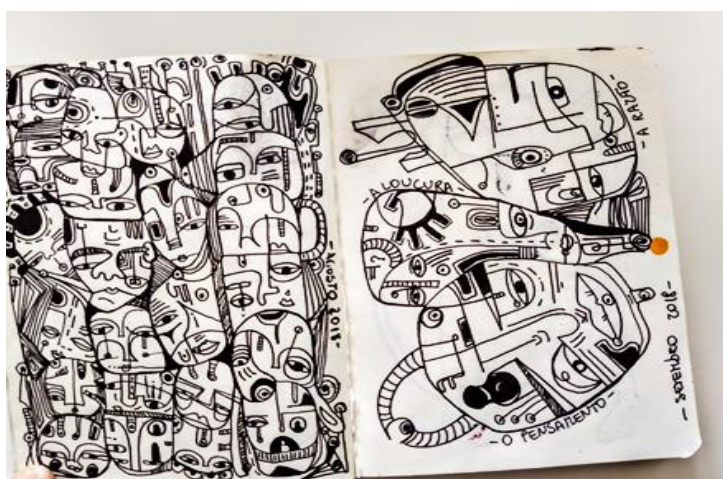


Figura 01 – *Sketchbook* – Carlione Ramos. Agosto de 2018. Fonte: Arquivo pessoal.

Cada pessoa ou estudante que inicia este processo pode usar como referência algum filme, livro, jogo etc.; elementos que fizeram sentido em suas vidas e que possam orientar a dar a partida em seu processo criativo. No caso do diário modelo apresentado neste trabalho,

uso referências do tarô, um jogo de cartas usado para adivinhações que me permitiu relacionar as pessoas envolvidas em minha vida com os personagens que são chamados de arcanos maiores. Isso facilitou a inserção de passagens da minha história de vida me ajudando a trabalhar com momentos de maior carga emocional de forma menos pesada.

Cada personagem ilustrado representa uma figura da vida real, é uma forma de abordar questões sobre o corpo, a violência e o preconceito racial, entre outros temas, de forma poética. Usar o diário como ferramenta para lidar com alguns problemas emocionais e psicológicos que afetam milhares de pessoas, forma uma espécie de tecido identitário que em sala de aula pode resistir e evoluir, evitando a depressão e o isolamento de estudantes em situações diversas. É importante falar de si ou se ver de forma positiva, escrever e ilustrar a própria história é um desafio e o diário pode contribuir nesses casos como uma forma segura de diálogo e compreensão do universo de quem o escreve e ilustra.

O trabalho que apresento usa como referência além das cartas de tarô um projeto desenvolvido em 2007, que consistiu de um livro objeto de 200 páginas, proposto em sala de aula por duas professoras de artes visuais e cênicas, que atuavam em uma escola de ensino médio de São Sebastião. A proposta mudou o curso de vida de vários alunos desta parte da periferia de Brasília. Como integrante de uma das turmas que realizaram este projeto, posso afirmar que a experiência foi rica, transformadora e me inspirou a criar este projeto, voltado para questões afetivas.

Ultrapassar a função de um livro comum para torná-lo um objeto de memória, busca representar uma identidade própria para poder levar a compreensão do próprio estado emocional e tornar as atividades em sala de aula cada vez mais receptivas, com foco na valorização de cada sujeito através de uma obra artística visual e tátil.

O trabalho como projeto piloto, comenta sobre como os processos de criação repercutem no imaginário, elevam a percepção humana e permitem intervenções aleatórias que enriquecem as nossas imagens mentais, abrindo espaço para criações diversas. Relata experiências que podem fazer parte do imaginário e comenta sobre a liberdade de criação percebida nas obras de Rosana Paulino e Leonilson, artistas brasileiros que serviram como referência para retratar alguns personagens através de suas costuras, bordados e cores.

Um livro objeto, por definição, visa apresentar objetos e se tornar um produto para exposição, o que pode criar barreiras entre os autores e o público que o acessa. A proposta do diário de passagem é justamente o oposto em que é necessário assimilar as inquietações inerentes do contexto social, familiar e escolar de cada estudante. Sem tornar público estes conflitos emocionais, os autores dos diários devem ser preparados para lidar com seus escritos e expor somente o que achar necessário.

O curso do diário deve acompanhar atentamente o papel social da escola, deve ser um projeto consistente, com começo, meio e fim, sendo retomado a partir de um novo ponto e de acordo com o plano pedagógico e com as disciplinas, ao início de cada novo bimestre. A proposta deste projeto surgiu, também, de questionamentos sobre a era digital e a consequente dificuldade cada vez maior de acessar os sentimentos e os interesses dos estudantes em sala de aula. Além disso, veio à constatação de que as prateleiras dos comércios estão lotadas de agendas e cadernos sem personalidade, que as pessoas compram e em pouco tempo tudo está no fundo de uma gaveta, por exemplo.

Os processos criativos apresentados aqui são como elementos de projeto para o design e, por isso, não podem deixar o processo artístico de lado, pois é um equívoco distanciar a arte do design, seja qual for o segmento. Trazer uma proposta que acolhe as emoções em tempos tão afetados pela depressão na era digital, ressalta o desafio que é criar em arte e design. Como produto desta monografia, executei uma série de escritos e desenhos para ilustrar transtornos que afetam milhões de brasileiros. Na Figura 02, é possível perceber que as personagens se encolhem, estão tristes ou carregam fardos emocionais. Acredito que o diário de passagem pode auxiliar em momentos de crise ou em estado de depressão.



Figura 02 – Criações sobre processo depressivo 2019. Fonte: Arquivo pessoal.

O ato de costurar é uma prática muitas vezes ligada à memória. Crescer vendo alguém costurar ou ouvir que alguém da família costurava pode despertar o interesse pelo processo manual da costura. Ações como colar, costurar e criar texturas diferentes abrem um leque de possibilidades. Cada um produz livremente de acordo com o que sabe fazer, não havendo um modo certo ou uma fórmula definida (Figura 03). Por isso, a confecção do diário se inicia com uma seleção minuciosa dos materiais que irão compor cada página, porque cada peça traz uma parte da história da pessoa que constrói o diário. Cores e formas podem assumir significados diversos dependendo de cada detalhe e do interesse de quem está expressando emoções nesse processo.



Figura 03 – Experimentos com costura sobre papel e tecido – Fonte: a autora.

Entre os anos de 2006 e 2007, as turmas de 3º. ano do Ensino Médio do Centro Educacional 01 de São Sebastião, uma das regiões administrativas do Distrito Federal, receberam o desafio de escrever 200 páginas de texto e, a partir disso, construir um livro objeto. Nessa escola pública da periferia de Brasília, os estudantes nunca tinham ouvido falar em livro objeto ou mesmo pensado em escrever 200 páginas. Esta proposta levou as turmas ao “desespero”, mas em pouco tempo, cadernos recheados de fotografias, cores, recortes, texturas foram surgindo e todo o processo deixou de ser um trabalho de uma disciplina para se tornar um grande projeto que provocou mudanças em toda a escola. Contar sua história desperta um sentimento de existência. É reconfortante falar sobre você como personagem principal, revirar fotos antigas, sentir que o seu diário "te abraça" nos momentos difíceis porque carrega seus maiores segredos. Até mesmo os alunos mais desinteressados estavam escrevendo! Aos poucos as pilhas de diários foram se formando sobre a mesa das professoras de Artes, que usaram esta atividade como uma forma de conhecer e valorizar seus alunos.

Como participante deste projeto, posso afirmar que ele foi significativo em minha vida. Pela primeira vez na adolescência, eu estava me propondo a me enxergar como um ser humano com sentimentos e valores. Após uma infância de abandono, violência física e psicológica, *bullying* e racismo eu cheguei ao Ensino Médio sem a menor esperança de ser alguém. Escrever um livro foi uma ação muito importante para que eu pudesse me sentir pertencente ao mundo, numa época em que eu não tinha nenhuma autoestima.

A partir desta experiência, destaco a importância do design emocional centrado no usuário. A experiência afetiva é marcante e tem se tornado cada vez mais necessário acessar estas emoções, tendo em vista que as pessoas expressam cada vez menos afeto em suas relações. A maioria dos estudantes que passaram pelo processo de construção do seu diário, nos anos de 2006 e 2007, o guardam até hoje com um certo carinho e memória viva dos tempos de escola. Alguns colegas desta época relatam que o processo de construção do seu livro se eternizou como lembrança e foi um momento muito especial em suas vidas.

Com base nessa experiência, objetiva-se com este trabalho de conclusão de curso que algo tão significativo seja experimentado em maior escala, nas salas de aula, nos consultórios psicológicos, em casa, em projetos sociais e outros. O intuito dessa abrangência é mostrar que falar de si e de seus medos é algo comum e pode ser mais fácil de lidar, uma vez que a

proposta é que o diário seja desenvolvido de acordo com as possibilidades, capacidades e habilidades de cada um.

A ideia surgiu e veio se fortalecendo a partir do momento em que me tornei educadora social na mesma escola de ensino médio de São Sebastião em que estudei. Ao substituir alguns professores e conversar com os estudantes, fui percebendo a necessidade de fazer com que essas conversas fossem registradas e acolhidas de forma especial.

A Figura 04 ilustra uma representação de como se sente uma pessoa com depressão. Muitas vezes é difícil verbalizar este tipo de situação e quem nunca passou por um processo depressivo tem dificuldade em compreendê-lo. Maíra Martines, a artista da ilustração em questão, talvez tenha conseguido com esta imagem representar o que os estudantes muitas vezes deixam escapar, como insatisfação com a vida, falta de motivação para sair da cama e ir para a escola. É como se carregassem um peso sobre suas cabeças. Assim como todo jovem, eles pensam em um futuro promissor, mas desistem de imaginar o futuro por já presumir que ele não será como ele gostaria.



Figura 04 – Ilustração de Maíra Martines. Fonte: saude.abril.com.br

Sou moradora de São Sebastião e me identifico muito com a história de vida destes jovens. Como mencionado, foi um projeto ocorrido na escola que mudou o curso da minha vida quando eu pensava não ser ninguém. As conversas que eu pude ter com estes estudantes não puderam ser registradas. Foram meses de conversas informais que me ajudaram a consolidar a ideia. Outro ponto motivou esta pesquisa, foram as notícias sobre o crescente

número de depressivos e casos de suicídio na UnB. Todos estes fatos nos mostram a importância da relação com a afetividade nas instituições de ensino. Em muitos casos de depressão, o indivíduo alega que só queria ser ouvido, só queria ser visto como alguém que precisa de ajuda.

Com base nos fatos apresentados a ideia é elaborar oficinas para debater a importância da afetividade em espaços públicos de ensino, e além disso elaborar nestas oficinas processos motivacionais para que o estudante não desista do projeto em momentos de crise emocional. Sempre que nos perguntamos sobre a atuação do design muitas vezes as respostas são atreladas à solução de problemas.

Os três capítulos a seguir apresentam as referências que embasam este trabalho, entre elas a obra dos artistas Rosana Paulino e Leonilson. Em seguida, destaco o tarô como referência para a organização dos personagens como arcanos maiores com significados simbólicos, e por fim o projeto piloto do diário de passagem.

CAPÍTULO I – AS BASES PARA O PROJETO ‘DIÁRIO DE PASSAGEM’

1.1 No design

O diário de passagem construído e assimilado como um meio de expressão de sentimentos e vivências, pode se tornar um instrumento de conscientização dos próprios processos de aprendizado de conteúdo e de vida. Em sala de aula, por exemplo, o educador poderá basear suas aulas em práticas de criação e rodas de conversa sobre momentos que foram registrados durante o ano letivo.

Como demonstrado na Figura 05, a artista Arlene D. Morris utilizou de uma variedade de texturas para transmitir sensações diversas e compor uma série de experimentações para um diário. A proposta deste diário é ser um objeto que representa o aprendizado com textura, cor e sobreposições e está ligado a um olhar mais sensível sobre as marcas físicas e emocionais que carregamos, como uma espécie de representação do nosso próprio corpo, como algo pessoal diferente da vivência de qualquer outra pessoa. Registra momentos bons e ruins vividos na esfera individual e coletiva.



Figura 05 – Expressividade com texturas de Arlene D. Morris. Fonte: <https://www.arlenemorris.com>

Deste modo, a imagem, a escrita e os aspectos gráficos fazem parte de uma pesquisa sobre corpo, poesia e representação gráfica. Em ambientes de aprendizagem, o estímulo à escrita criativa pode favorecer a educação inclusiva ou especial, favorecendo a participação de alunos com deficiência e criando meios para que todos possam se sentir acolhidos.

[...] o design pedagógico propõe a integração de fatores técnicos, gráficos e pedagógicos, de modo a possibilitar ao usuário uma ação autônoma e investigativa. Verifica-se que a simples comunicação de um conceito não é

suficiente para a construção de uma aprendizagem significativa (BEHAR, TORREZZAN, p. 23, 2009).

No diário modelo que aqui apresento, elementos ganham composições diferentes e uma nova dimensão se abre para deixar claro que cada página é a leitura do movimento fluido do corpo comparado ao trabalho artístico que fiz entre regiões como Brasília e São Francisco - MG. A costura nasceu como base para o surgimento do bordado, do gesto simples de unir peles de animais para se proteger do frio, atividade rudimentar praticada pelo homem mesolítico. A necessidade estética de adornar a vestimenta para uma ocasião especial veio logo depois.

A complexidade da costura faz com que algumas pessoas não se arrisquem a praticar essa atividade, mas dependendo do contexto, podemos encontrar pontos simples, às vezes tortuosos, que se tornam tão belos quanto os pontos bem elaborados. Por meio do processo de colonização, diversos tipos de bordados chegaram ao Brasil, essa variedade chegou aqui em grande parte pelos portugueses. O bordado é uma rica representação cultural, seja pela religiosidade, tradição ou influência dos antigos impérios.

O Brasil possui uma cultura da costura e do bordado carregados de histórias. É comum, principalmente no interior do país, pessoas contarem trechos da própria vida por meio de personagens reais e mitológicos, o que mantém vivas memórias e tradições. Artistas originários, ou não, do interior do Brasil perceberam as inúmeras possibilidades de criação com base na arte dos grandes mestres da costura e do bordado.

Desde os anos 1980 ou mesmo antes disso, verificam-se diferentes propostas, como as dos artistas Leonilson e Rosana Paulino, que chamam a atenção pela capacidade de retratar as agruras do corpo através da costura, do bordado e de objetos que despertam sentimentos ligados ao processo do fazer. Na Figura 06, a artista Rosana Paulino traz diversos personagens representados na “Parede da memória”, usando a costura como textura e fotografias estampadas para falar de corpos que em algum momento fizeram parte de sua história. Ela procura deixar clara a importância da costura, da escolha dos materiais e da composição afetiva de cada objeto. A partir da observação deste e de outros trabalhos da artista, podemos perceber a importância do resgate da memória e da riqueza deste registro.



Figura 06 – Parede da memória de Rosana Paulino.
Fonte: <http://www.rosanapaulino.com.br>

O design emocional está diretamente ligado ao fazer com base no afeto, nos sentimentos relacionados à memória e o ao bem-estar. Com base nas dificuldades atuais de se expressar e no crescente número de casos de depressão, o diário de passagem é uma ferramenta que busca fortalecer a relação entre o humano e o objeto.

Criar algo que possa ser individualizado e transformado de acordo com a vontade e as emoções do usuário é um tema de crescente importância no campo do design. Nossas emoções e desejos em relação aos produtos, serviços e ambientes estão diretamente ligadas aos sentidos, por isso na maioria das vezes compramos um produto e sentimos que ele poderia ter sido pensado melhor.

De acordo com o Neurocientista Antônio Damásio (1994) nossos sentidos são totalmente movidos pelas emoções que, por sua vez, são a base para o pensamento racional. Esta proposta de projeto pretende abrir caminhos para retratar a relação entre o fazer artístico e o design emocional. A livre criação através do tato permite uma relação íntima com o objeto criado ao evidenciar que a vida tem forma, cores, texturas e contornos.

Forlizzi et al. (2003) diz que o design é como uma arte produtiva que concebe planos, programa ambientes e que, como tal, sempre esteve preocupada com (e tem um relacionamento com) as experiências emocionais dos indivíduos. O objeto é a síntese de tudo aquilo que busca trazer o ser interior para o exterior. Representa a culminância da ontologia design e emoção, entre sujeitos e objetos.

Trazer apenas texto ou imagem não é a proposta, pois é importante abrir espaços de diálogo e fomentar um discurso que ressalta o fazer e a necessidade da representação visual de si mesmo e dos seus processos criativos, explorando projetos gráficos que já acontecem no

meio escolar. O design gráfico, na nossa compreensão, media a translação de conteúdos; em outras palavras, o design gráfico é uma atividade de caráter mediador, que dá forma material a conceitos intelectuais (FONTOURA, 2002, p. 72).

Piaget (1992, p. 76) reconheceu a importância da afetividade nos espaços de ensino. Com base nesse reconhecimento, na proposta do diário de passagem cada pessoa é vista como única, capaz de identificar seus desejos e traduzi-los no seu objeto pessoal. Nessa perspectiva, a afetividade está mais relacionada ao aspecto da motivação individual para potencializar o processo educativo. Percebemos tanto na escola quanto na universidade que a afetividade é excluída do processo, e dependendo do estado emocional do estudante essas relações transversais podem levar ao abandono dos estudos, rejeição acadêmica, suicídio e depressão.

A fim de justificar a escolha do tema deste projeto o design de experiências ou design de emoções mostra o caminho pelo qual as pessoas se relacionam com um produto através da emoção, essa percepção abre um leque de possibilidades para designers que buscam compreender a relação entre sujeitos e objetos. Lidar com experiências emocionais de indivíduos “estranhos” descobrir as sensações, os significados, o propósito do produto para cada uma delas é o grande desafio. Forlizzi et al. (2000), no artigo *The building blocks of experience: An early framework for interaction designers* apontam que os designers necessitam desmistificar como projetam para a experiência dos usuários e como os produtos que projetam podem alcançar os objetivos específicos deles.

Aqui partimos do princípio de que contar a sua história faz parte da identidade de cada um em algum momento da vida as pessoas param para contar um trecho importante ou uma cena que marcou de alguma forma sua vida. Pensar um objeto aberto a expressões diversas acolhe de forma emotiva a fala, a escrita, o desenho, o bordado, a pintura etc., a proposta do diário de passagem não é entregar um objeto concluído, finalizado e sim um objeto em constante construção, justamente porque é pessoal, único e rico em sentimentos diversos sem excluir ou individualizar o processo.

Ao aproximarmos design e educação, estamos propondo distanciarmos-nos um pouco do fragmento histórico-científico e estético e nos dirigirmos à discussão do design – aqui o design instrucional e/ou educativo – no que o torna uma disciplina partícipe da construção do pensamento social (Lopes, 2009, p. 16).

O conceito de design emocional tem como objetivo demonstrar que é possível estabelecer uma conexão entre produto e consumidor, o papel do designer é descobrir quais são os fatores que proporcionam essa ligação, atrelar emoções subjetivas e necessidade de consumo, encontrar diferentes tipos de estímulo e obter satisfação do consumidor como resultado.

Não podemos corrigir magicamente as falhas da educação, mas podemos trabalhar aos poucos os processos que melhoram ou ressignificam o projeto de educação, pensar ferramentas e incentivar os estudantes a criarem e recriar estes processos pode ser a chave para um ambiente escolar acolhedor sem barreiras emocionais.

A palavra design ainda é novidade em algumas escolas públicas do Brasil, muitos estudantes não sabem da existência de um curso superior nesta área, e muito menos das várias vertentes do design. O design está em tudo, mas em alguns contextos sociais nem sempre é possível perceber essa existência.

Alunos e professores produzem material gráfico diariamente, também diariamente ocorrem conflitos educacionais, crises de ansiedade, desistência do ano letivo, o design é uma arma poderosa para interagir com todas estas questões e torná-las material de projeto, ferramenta de inversão de problemáticas tornando os próprios estudantes protagonistas das soluções encontradas. Desta forma o projeto diário de passagem aliado ao design e a educação, torna líderes mediadores aqueles que costumavam paralisar diante do problema.

As oficinas em escolas e espaços de trabalho podem oferecer também orientações sobre materiais possíveis, objetos de memória, para que o indivíduo se sinta mais à vontade em expressar suas emoções. A primeira parte destas oficinas deve acontecer na escola Ced São Francisco, com estudantes de ensino médio que já demonstraram interesse em participar destas oficinas, as oficinas começam com a identificação do conteúdo, sugestão de materiais, conforto e desconforto ao falar do tema e atividades práticas de costura, colagem e pintura.

Como artista lanço nesta pesquisa fragmentos de um fazer artístico que começou a partir de crises emocionais causadas por agressões físicas e abandono durante a infância, por não saber como lidar com estes sentimentos eu comecei a usar o desenho como forma de expressão.

1.2- ROSANA PAULINO

Rosana Paulino e Leonilson são artistas que se destacaram nas artes têxteis. Seus trabalhos são baseados em memórias e questões políticas e mostram a simplicidade e a beleza estética da arte brasileira. Rosana Paulino é uma artista visual cujas obras apelam para o reconhecimento do negro na história. Doutora em Poéticas Visuais pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo – ECA/ USP (2011), Rosana participou de várias exposições no Brasil e no exterior destacando a identidade simbólica da mulher negra e fazendo emergir a questão de gênero e raça na arte de hoje. Mantém o discurso político denunciador das práticas de discriminação de gênero e etnicidade cada vez mais forte, tornando o trabalho ainda mais significativo como uma referência importante do mundo das artes, o que contribuiu significativamente para a concepção deste trabalho.

Tudo se constrói pela visualidade e faz comparações com outros percursos, desdobrando uma ideia de sentimento e livre criação. Seu trabalho harmonioso e marcante é uma forte referência para a construção deste trabalho. Na figura 07 é possível ter uma ideia da trama que retrata questões de gênero, raça e padrões de beleza na obra de Rosana Paulino.



Figura 07 – Impressão digital sobre tecido, recorte, tinta e costura. 2017. Fonte: www.rosanapaulino.com.br/

Suas obras buscam o reconhecimento dos corpos que de algum modo são considerados invisíveis. Abre uma dimensão política e poética e destaca histórias escondidas que proclamam a sua visibilidade. Em representações fortes os corpos negros falam de violência e buscam a ressignificação do papel da mulher negra no Brasil.

Os elementos usados por Rosana fazem parte de uma memória emotiva arquivada no inconsciente. Um material expressivo que representa um traço de como eram criadas as vestimentas dos antepassados do povo negro: agulha, linha e retalhos era tudo o que se tinha e “coser” a própria roupa era comum nos terreiros e quintais.

A minha mãe bordava... Bordou durante muito tempo pra ajudar no sustento da casa... Então eu aprendi a bordar, cheguei a ajudar minha mãe fazendo uns pontinhos simples de bordado e eu gostava disso. (...) isso faz parte da minha história (Rosana Paulino, entrevista concedida a Rafael Schultz e Tatiana Lee, Florianópolis, 13 de ago. de 2015).



Figura 08 – Obra sem título - Rosana Paulino. Fonte: www.rosanapaulino.com.br

A obra de Rosana Paulino é um permanente resgatar das duas entidades subjugadas: na força da desocultação destas violências e no cuidado que é dado à visibilidade da história dos negros e da natureza. Contudo, estes trabalhos de Rosana Paulino extremam a tese do tráfico da escravatura e é uma materialidade presente que evita a amnésia que a utilização banalizada do termo já produziu como podemos perceber nas Figuras 08 e 09.



a – festa no mar 2016 - b– A salvação das almas 2017 – c- soldado - 2006

Figura 09 – Sentir na pele. Fonte: revistatrip.uol.com.br/tpm/rosana-paulino-sentir-na-pele

Outro artista que reforça a proposta do design emocional para se perceber como corpo que atua e transborda sentimentos é Leonilson. Foi durante o terceiro ano do Ensino Médio, que eu pude conhecer o maravilhoso trabalho deste artista, embora eu não vislumbrasse um curso superior o trabalho me chamou a atenção, pois me identifiquei com a representação dos corpos sem muitos detalhes, bordados em tecidos simples com palavras soltas.

1.3 LEONILSON

Nascido no Ceará, em 1957, Leonilson colocava muito de si e de sua vida na sua produção. Ex-aluno da FAAP, muito do que produziu era tão simples que não possui chassi ou moldura. Tudo era construído com cortes irregulares, pontos tortuosos, muitas vezes camuflados sob a tinta.

O trabalho de Leonilson inclui pinturas, desenhos, bordados, algumas esculturas e instalações. O artista parece ter sido movido pela necessidade de registrar sua existência e subjetividade, como se o seu trabalho fosse criado para fazer parte de um diário íntimo que funciona tanto fragmentado quanto unido, direcionado para certa potência erótica.

As formas nos desenhos são envoltas por um contorno escuro, como no grafite norte-americano. Em paralelo, começa a elaborar elementos que são permanentemente retomados até o fim de sua vida: o livro aberto, a torre, o radar, o átomo, o coração, a espiral, o relógio, a bússola e a ampulheta, entre outros.

Os fios e tecidos são ferramentas que Leonilson usava para questionar suas próprias verdades, o universo das palavras e da costura, para compor um discurso poético. Na constituição de uma expressão pessoal e subjetiva, desde 1984, Leonilson realizou formas orgânicas em seus desenhos e pinturas, que se aproximavam cada vez mais de cartografias do corpo. A obra "Puros e duros" é um dos trabalhos marcantes do artista. Trata-se de uma peça composta por pedras penduradas e frases bordadas que mostra um pouco dos desdobramentos do artista, em que ele toma consciência da necessidade de constituir com as palavras uma linguagem própria, mesmo que de maneira tímida.

A postura romântica do artista é revelada também na pintura "O Inconformado" (1988), na qual um personagem é representado dentro de um carro em que não cabe, devido a suas proporções desmedidas. Em "Leo não Consegue Mudar o Mundo" (1989), o inconformismo se liga à impotência. Sua produção começa a sofrer, então, um despojamento formal, mas o conteúdo não muda: usa palavras carregadas de valor moral como *sinceridade*, *honestidade* e *integridade*. Por outro lado, as palavras servem para manifestação de estados íntimos: *alegre*, *tímido*, *solitário*, *hipócrita*, *deslocado*, *cheio e vazio*, *cético*, *ansioso* ou *confuso*.



Figura 10 – José Leonilson - Cidades Europeias 1988.
Fonte: www.escritoriodearte.com/artista/jose-leonilson

As obras de Leonilson demonstram a delicadeza e sensibilidade do artista, sua escrita era como um caminho tortuoso e os objetos demonstram o peso de se viver em conflitos. Dentre tantas outras obras do artista a (Figura 10) mostra uma das fases de conflito, momento em que Leonilson produziu com simplicidade usando um retalho, linhas e diferentes tipos de botões. Essas ações propositais explicitam o grau de liberdade e de intimidade entre artista e obra. Demonstra através dos fios um lento e longo processo de reconhecimento da dimensão da costura e fala seja com palavras, cores ou objetos de sentimentos profundos.

Somente a partir de 1989, Leonilson começou a incorporar a costura em seus trabalhos. A técnica lhe era familiar pois assistiu várias vezes sua mãe bordar. No início, se cobrou muito por bordar espécies de garranchos, mas logo percebeu que aquele era o seu jeito de bordar e que era assim que ele gostava de se representar.

O fio da costura desdobra uma reflexão sobre a história e a memória de cada artista, pois tanto Rosana Paulino quanto Leonilson percorrem esse universo criativo sobrepondo sentidos e formas, costurando muito do que viveram e fragmentando vivências de pessoas que passaram por suas vidas. A preocupação destes artistas em demonstrar o que sentem quando criam uma obra é a presença marcante da importância de criar a sua forma, do seu jeito e sem se preocupar com o aspecto formal da obra.

O uso da palavra e da imagem faz com que haja um distanciamento da pintura tradicional. Por não pertencer a uma técnica específica, não se enquadra num estilo pré-definido, o que torna a criação um processo íntimo e pessoal (Figuras 11 e 12).



Figura 11 – Jogos perigosos - 1990
Fonte: cultura.estadao.com.br



Figura 12 – Todos os rios levam a sua boca 1988- Fonte: Cultura Estadão

Leonilson marcou a arte brasileira usando elementos considerados femininos e encontrou na costura e no bordado sua própria existência.

“Sobre o peso de meus amores
Eu vejo a distância
Eu vejo o perigo
Eu vejo os outros gritando
Eu vejo um
Eu vejo o outro
Não sei qual amo mais
Sob o peso dos meus amores.”
(Leonilson)

Quer um cafuné? Deita aqui. Coloque a cabeça neste travesseiro. Eu o bordei com uma história de vida. Vou abrir meu diário e costuraremos vida e arte, juntos – poderia ter dito Leonilson como um convite aos apaixonados para ver sua obra. De trajetória breve, o artista cearense deixou um legado de grande valor a arte brasileira.

CAPITULO II - O TARÔ COMO FACILITADOR

2.1 O Tarô

Aqui as memórias deste diário começam a ganhar forma com base em um jogo de cartas, o tarô. O tarô é um jogo místico e muitas pessoas o jogam quando precisam tomar uma grande decisão ou simplesmente para saber como será o novo ano que se aproxima, por exemplo.

Com base neste jogo de cartas, em que seus personagens usam toda a sua sabedoria para definir o curso da vida e os mistérios de quem somos, alguns personagens serão apresentados aqui na tentativa de falar um pouco individualmente de cada um explicando a importância dos seus papéis na composição e compreensão do diário de passagem. Como é possível observar na Figura 13, as representações das cartas não possuem um padrão de ilustração, o ideal é que se mantenha os simbolismos.



Figura 01 - <http://www.cartasdodestino.com>



Figura 03 - <http://descubretarot.cc>

Figura 13 – Representações de cartas de tarô. Fonte: guddi.com/introduction-al-tarot

Todos nós já tivemos um dia a sensação de estar em um jogo, até porque a vida se divide em fases e às vezes sofre reviravoltas que precisamos de certo tempo para entender o sentido de uma ou outra “jogada”. Alguns jogos se aproximam bastante de uma cena da vida real, pois cada passo tem uma consequência e quando tomamos a direção errada não é possível desistir.

Alguns jogos de tabuleiro e de cartas foram criados com base em estruturas sociais ou grandes reinados. O jogo escolhido para representar as passagens descritas aqui é o tarô, um jogo de cartas que possui 22 arcanos maiores e 56 menores, totalizando 78 cartas. Tratarei apenas dos principais, entre 6 e 7 arcanos maiores.

O tarô é um jogo que mostra os nossos anseios e os nossos passos. As representações nas cartas são inúmeras e podem ser representadas de acordo com o imaginário de quem o criou, mas as figuras representadas carregam sempre o mesmo significado e simbologia. Este jogo surgiu no norte da Itália, no século XIV, como baralho sem autoria e, geralmente, toma a forma de trabalho de quem o consulta ou cria seu próprio baralho.

2.2 Retratar a si e a própria comunidade

As cartas funcionam como regentes e quem tira uma tem uma intenção e a resposta para essa intenção será revelada. A ideia com o diário de passagem não é ensinar a jogar ou detalhar todo o jogo, a escolha de um jogo de cartas para ilustrar este texto ocorreu porque as divisões e a força dos 22 arcanos maiores são importantes para mostrar como as cartas podem ser indicadores de caminhos possíveis para nossas vidas. A Figura 14 apresenta estudos de expressões faciais dos personagens que irão compor os arcanos maiores.

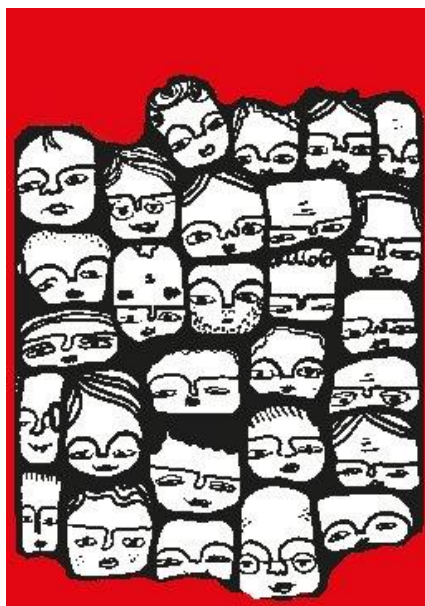


Figura 14 – Estudos de expressões faciais. Fonte: Arquivo pessoal.

Este diário de passagem foi construído com base em algumas memórias que foram muito importantes no meu processo de identificação como artista. Todo o trabalho que realizei até aqui em algum momento foi vivenciado nos locais onde passei a infância e a adolescência. Para detalhar esta experiência, discorro, a seguir, sobre alguns personagens que serão representados como figuras de um jogo de cartas, apresentado na Figura 15.

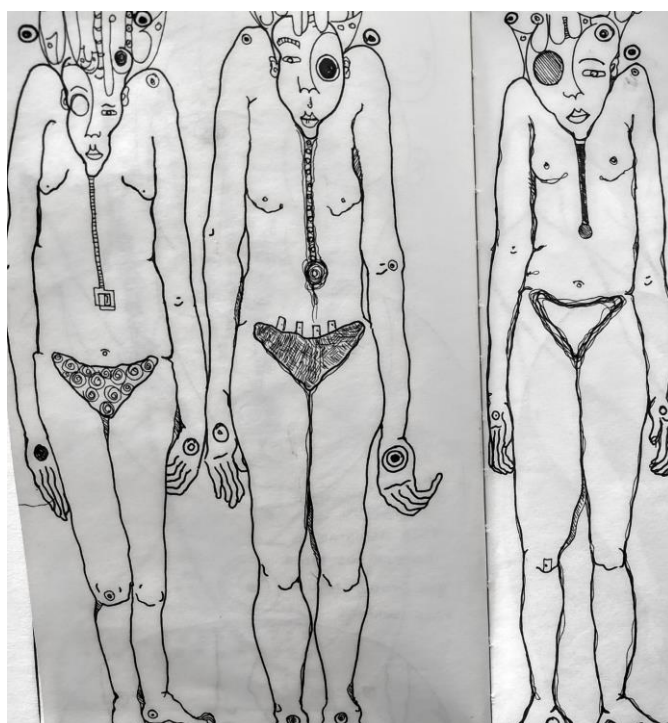


Figura 15 – Estudo para arcanos maiores - três irmãos- 2018. Fonte: a autora.

A fotógrafa belga Alice Smeets criou, recentemente, o projeto Guetto Tarot, usando os guetos das favelas de Porto Príncipe no Haiti, como cenário para recriar a mitologia e os arquétipos ancestrais do tarô para retratar as comunidades no seu dia a dia. Seu trabalho envolveu a comunidade local e um grupo de artistas, que se dispôs a representar alguns personagens do tarô usando elementos do dia a dia daquela comunidade.

Assim como este projeto recriou o tarô através das fotografias de Alice o diário de passagem pretende apresentar sua própria versão sobre o tarô no contexto de uma das cidades satélites de Brasília, representando apenas as cartas principais para contar como os personagens intitulados humanoides surgiram. Em seguida, estas ilustrações seguem para o

diário de passagem, onde os 22 arcanos se completam, a Figura 16 apresenta uma das visões de Alice sobre a carta do mago.



Figura 16 – Representação da carta o mago - Alice Smeets
Fonte: desapropriammedemim.com.br/o-tarot-haitiano-de-alice-smeets

A Figura 17 mostra a representação de uma das cartas do tarô através de um morador da favela de Porto Príncipe, a série humanóides que ilustra o diário surgiu em 2011 a partir da observação da fisionomia de alguns moradores da cidade de São Sebastião, Distrito Federal.



Figura 17 – Representação da carta justiça- Alice Smeets
Fonte: <http://desapropriammedemim.com.br/o-tarot-haitiano-de-alice-smeets>

O interesse por representar pessoas da periferia surgiu a partir de um comentário que eu ouvi no Plano Piloto: “As pessoas da periferia têm cara de pobre”. Fiquei pensando nessa fala e comecei a observar a cara das pessoas, sua forma de andar, falar, se vestir, o jeito simples e marcante de pessoas que vivem como podem e lutam todos os dias.

Por ser moradora da cidade desde os 11 anos eu sempre percorri todos os bairros a pé recolhendo matéria prima e conversando com pessoas muito simples, certo dia encontrei uma senhora de 50 anos que devido a vida sofrida aparentava já ter chegado aos 70 , seu corpo era extremamente magro, suas mãos eram compridas e cheias de veias protuberantes, o rosto era marcado por grandes rugas e olhos cansados, foi assim que o primeiro personagem surgiu com corpos desproporcionais, ombros largos, rostos tristes e símbolos com significados diversos. Os personagens descritos a seguir foram figuras reais em minha vida. Eu os transformei em personagens das cartas do tarô para facilitar a compreensão e os vesti como humanoides nas vestes dos arcanos maiores, como apresentado na Figura 18.



Figura 18 – Estudo de vestes de personagens com base em grafismos afro indígenas. Fonte: a autora.

2.3 A presença dos grafismos afro indígena

Os grafismos da cultura afro indígena fazem parte de uma composição estética e simbólica, revelam o processo de construção da identidade de um trabalho gráfico que mistura elementos de memória e o desejo em saber cada vez mais sobre os símbolos gráficos e seus significados.

Apesar de não saber minha origem, de nunca ter conseguido montar a árvore genealógica da minha família, eu sei que os negros da região norte de Minas Gerais são descendentes de escravos das lavouras de café, e que estes chegaram aqui trazendo cantigas, símbolos e dizeres que foram esquecidos ou modificados com o passar do tempo.

Levando em consideração essas modificações os humanoides (Figura 19) que fazem parte do diário de passagem e que contam o processo de construção do meu trabalho não carregam símbolos gráficos já existentes, os ornamentos que aparecem nas cabeças, corpo e vestimentas são criações soltas, derivadas de um processo imaginário que remete aos símbolos originais afro indígenas.



Figura 19 – Aplicação de grafismos em croquis - Carlione Ramos

Porque afro indígena? Os símbolos representados pelos negros que chegaram ao Brasil entre os séculos XVI e XIX, representavam padrões e sistemas de repetições que foram aos poucos se fundindo com representações indígenas do Brasil, criando de forma acidental os grafismos afro indígenas, como apresentado nas figuras 19 e 20.

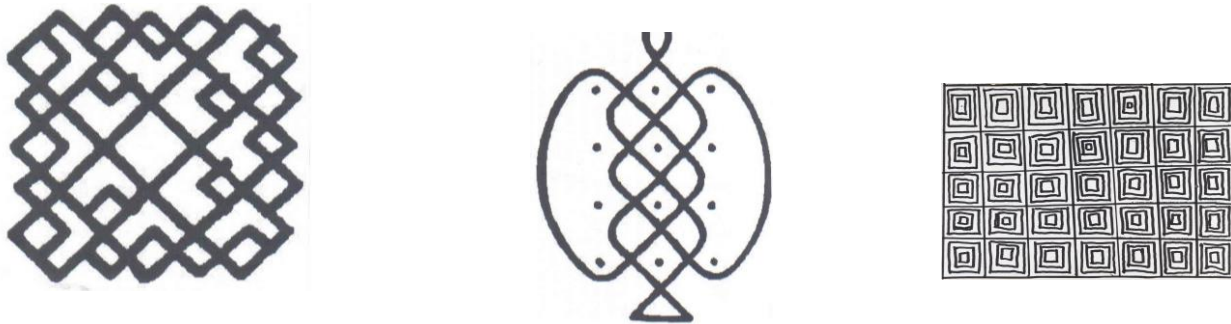


Figura: 20 Símbolos e padrões - significados diversos. Fonte: Grupo de estudos pindorama.

Estes elementos visuais mostram a experiência estética que compõem o imaginário de povos que chegaram ao Brasil e dos novos povos mestiços que foram modificando estes padrões sem perder a identidade e a força da representação gráfica.

2.4 A origem dos personagens

Os humanoides se encaixam em cartas que fazem referência aos poderosos arcanos representados nas cartas de tarô, carregam ornamentos e símbolos espalhados pelos pés, mãos, sexo, além de coroas que simbolizam a força e o poder de cada um, estes personagens representam mais do que poder, sentimento e beleza, são fruto de uma construção poética que de alguma forma me livrou da depressão e do suicídio, são eles elementos oriundos de momentos em que foi necessário expurgar toda a sensação de tristeza e abandono.

Por não ter tido uma infância com afeto e presença maternal e paternal a minha adolescência e parte da vida adulta foi muito conturbada, o surgimento de cada personagem tem ligação direta fases da minha vida e isso fez com que as pessoas se identificassem cada vez mais mais com eles, a forma como cada um se contorce, sorri, ou demonstra tristeza, impacta e incomoda, leva algumas pessoas a se identificar com sentimentos parecidos.

Como eu já havia mencionado a ideia das cartas de tarô foi uma forma de tornar mais fácil a compreensão do que é este trabalho, não tenho a intenção de ensinar o jogo ou de torna-lo foco desta pesquisa, as séries gráficas são construídas em pequenas cartas a pelo menos 5 anos, já em formato de cartas.

Existem várias formas de tentar curar um processo depressivo, atividades físicas, acompanhamento psicológico, viajar, escrever... o meio que encontrei para curar feridas antigas foi através do desenho, em pouquíssimo tempo surgiram caixinhas e caixinhas com mais de 80 desenhos de diversos formatos, em acessos de crise eu cheguei a criar mais de 20 desenhos por dia... o esgotamento levava ao sorriso de satisfação por ter transformado um surto em uma efervescência de produção.

2.5 Arcanos maiores e suas representações

Personagens com diversos significados e simbologias, são apresentadas com algumas características e suas simbologias.

A Matriarca

Simbolismo: Os três planos dominantes, fertilidade, ação e poder. (Figura 21)

Matriarca é aquela que governa uma família, um clã, uma tribo. Assim que lemos esta frase imediatamente nos lembramos das principais características da figura materna, mas nem sempre as matriarcas são amáveis e acolhedoras. Nesta representação a matriarca assume uma postura fria, seu rosto possui cicatrizes e seu semblante deixa transparecer um misto de aflição e gozo pela vida, cantarola uma música para embalar sua própria solidão, amargura, frustração e tristeza, ela carrega o fardo de ser mãe solo e de não saber como cumprir este papel.

Como um personagem deste diário a matriarca vem representada com poucas cores, seu corpo nu encurvado, seu ventre carrega uma mangueira costurada e rodeada de palavras de não afeto, em sua cabeça uma coroa de arame, seu manto bordado conta sua história em

vermelho, seu coração tem grande vazio, e o olhar choroso se recusa a aceitar o nascimento dos filhos.

Na juventude foi muito bela e charmosa, era a nega formosa do salão, mas se recusava a ser chamada de ‘nega’ sempre que alguém se referia a ela como mulher de cor, esbravejava e amaldiçoava o indivíduo. Seus relacionamentos sempre foram conturbados, após muitas paqueras e danças de salão ela era sempre abandonada, em uma dessas aventuras veio sua primeira gravidez, não conseguiu aceitar não estava preparada para ser mãe, tentou de tudo para não ter este filho, mas ele resistiu.

A matriarca era uma mulher muito bonita, sua jornada estava apenas começando e não era justo dividir essa vida com um filho por isso sua rejeição foi imediata, a criança não era bem-vinda e uma boa solução era torná-la um filho de lugar nenhum. Esta bela mulher teve muitos filhos alguns ela conseguiu evitar, quatro mereceram a vida.



Figura 21 – Ilustração para a matriarca 2019. Fonte: Arquivo pessoal.

O Imperador

Simbolismo: Estabilidade, segurança, ambição.

O imperador teve apenas um filho com a matriarca, homem belo e charmoso era cobiçado por muitas e com muitas se relacionou, a matriarca por ele foi enfeitiçada, suspirava todas as

noites pensando em seu imperador e realizava mil simpatias para ter o homem aos seus pés. O imperador é representado, sempre altivo e sorridente seu corpo carrega a tatuagem de uma cruz na testa, e no seu ventre uma espiral infinita se contorce, tem cinco círculos presos na ponta dos dedos da mão esquerda (Figura 22).

Todas as noites a matriarca se enfeitava, seus olhos brilhavam quando ouvia o galope dos cavalos se aproximando, ela sabia som do galope do seu amado. Entre suspiros e incertezas a matriarca engravidou pela terceira vez, este filho sim era desejado, diferente do eremita e do enforcado, era a chegada do tão amado sol, assim que soube da gravidez ela teve a certeza de que finalmente teria o imperador ao seu lado. Não foi bem assim que a história aconteceu, ela foi abandonada, criou seu filho sozinha e mais uma vez cantou e cantou para amenizar a solidão.

O imperador tinha muitas ocupações, muitas terras cavalos e gado, não tinha tempo para se preocupar com filho ou com uma mulher simples, saiu pelo mundo afora e alguns meses depois escolheu sua imperatriz e teve muitos filhos com ela.



Figura 22 O Imperador. Fonte: Arquivo pessoal

O Eremita

Simbolismo: Solidão, recolhimento, autoconhecimento.

O som do carro de boi entra como um gemido, um lamento criado pelo atrito das rodas de madeira com a guia e os bois, o som cruza o pequeno povoado e anuncia a chegada do eremita, o filho de lugar nenhum.

Nesta representação o eremita e o primeiro filho da sacerdotisa, seu corpo físico é desajustado fora do padrão, suas cicatrizes percorrem o corpo inteiro e não apenas o rosto, o corpo nu é obeso e causa repulsa em todos ao seu redor, carrega uma coroa de pesadas peças de ferro que ele acumula para tentar preencher a dor do abandono, em seu ventre carrega uma



delicada flor de lavanda e seus ombros são laçados por um grosso cordão de sete nós. (Figura 23)

Figura 23 O eremita. Fonte: Arquivo pessoal.

O carro de boi transportava o eremita para todos os lugares, todos os dias ele acordava e vivia sem saber onde passaria a próxima noite. Carregava um olhar extremamente triste, sua derrota e seu abandono eram como um pesado fardo que ele distribuía por onde passava, as pessoas sentiam pena e paravam para ouvir sua história, mas seu fardo era tão pesado e tão triste que todos se afastaram, era muita dor para tão pouca vida.

O homem negro e forte passava dias nos lixões das cidades recolhendo peças descartadas que ele usava para criar sem conhecimento algumas belas tramas coloridas, as pessoas tinham dificuldade de entender como alguém tão triste conseguia criar algo tão encantador. O carro de boi abre passagem para uma vida de viagens e sonhos onde o eremita se sentia seguro e confiante para tecer longas tramas coloridas fazendo curtas paradas, desacelerando a vida.

O Enforcado

Simbolismo: Prudência, dificuldade, tempo, inexistência. (Figura 24)

O enforcado é o filho perdido, a matriarca rejeitou muitos filhos até aceitar a maternidade, o enforcado representa o desconhecido, o que não foi vivido e nem amado. (Figuras 25 e 26)



Figura 24 – O Enforcado. Fonte: Arquivo pessoal.



Figuras 25 e 26 – Estudo para construção de personagens. Fonte: a autora.

O Sol

Simbolismo: O brilho, a glória e o sucesso.

O sol é o terceiro filho da sacerdotisa. O filho do único homem pelo qual ela se apaixonou a este filho foi concedida toda a beleza do universo. O sol aqui será representado com o mundo (Figura 27) no peito, seu corpo possui braços e pernas alongados, seu corpo não possui cicatrizes e suas vestes são coloridas e ornamentadas, o sol possui brilho próprio tudo em sua vida é exatamente como ele gostaria tudo o que ele quiser ele conseguirá.



Figura 27 – O sol Fonte: Arquivo pessoal.

O Louco

Simbolismo: Excêntrico, destemido, curioso.

O terceiro filho, o primogênito renegado, muito cedo é abandonado pela mãe e aprende a viver sozinho entre erros e acertos, se depara com regras, aprende que as coisas não devem ser de acordo com sua vontade, e através da direção oferecida pelo Papa o louco começa a entender o que precisa e qual é o seu propósito (Figura 28).

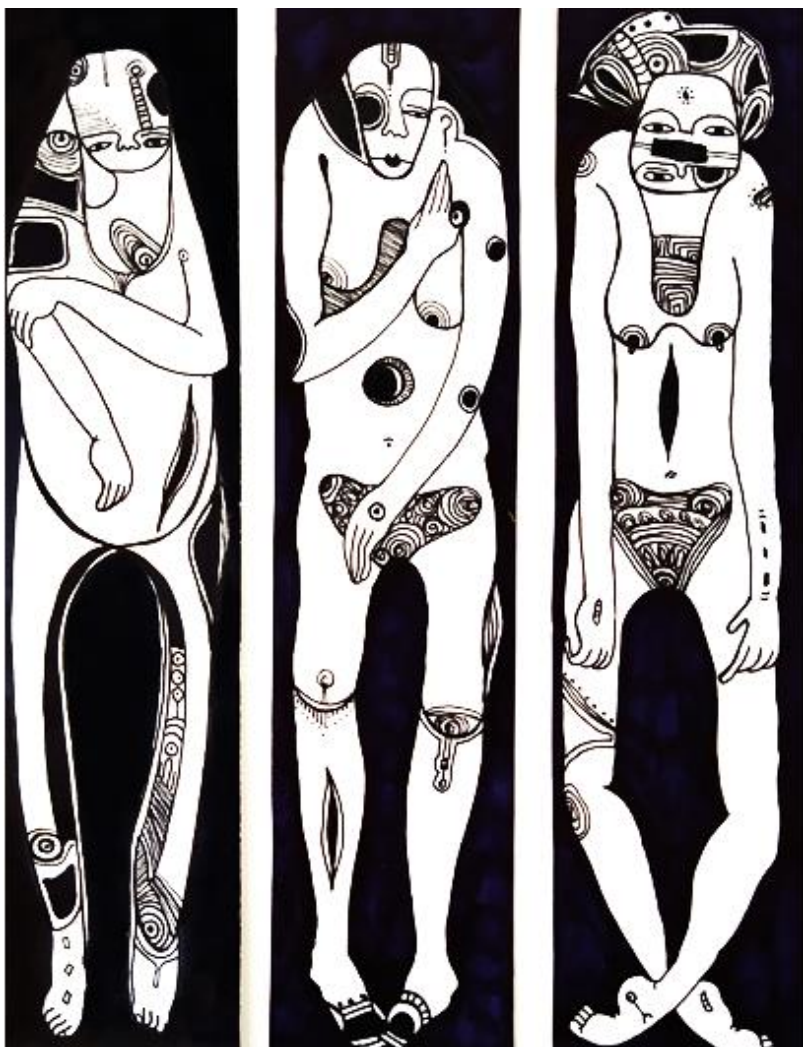


Figura 28 - Estudo para Arcanos maiores - Estudo para representação de arcanos maiores
Fonte: Arquivo pessoal.

O Mundo: território de passagem, lugar por onde os seres transitam, mas nunca permanecem.

Simbolismo: lugar nenhum, local de passagem.

Esta fase marca um momento muito importante na história destes personagens, a mudança de ciclo onde muitas dores e mágoas são deixadas para trás.

Seres de lugar nenhum estão de passagem por contos, poesias, histórias... cada um dos personagens faz parte de uma estrutura imaginária, uma sequência de corpos que vivem como uma condição de ser do humano que se manifesta livremente, personagens que nasceram para tornar a vida mais leve e lúdica. O mundo é a casa, o círculo sem fim de onde só se pode sair quando tudo termina cada humanoide nasce de acordo com um sentimento, medo, raiva, tristeza, alegria! Criaturas imaginárias que ilustram mundo, o desenho concretiza a transformação do mundo e do humano (Figura 29).



Figura 29 Estudo para Arcanos maiores Fonte: a autora

CAPITULO III – O DIÁRIO COMO EXPRESSÃO

As imagens formam um emaranhado em nossas cabeças, a memória organiza tudo em caixinhas e à medida que abrimos, acessamos fragmentos que determinam que tipo de sensações vamos ter ao longo do dia.

3.1 O Corpo como morada

Os retratos da memória são como gatilhos. Acionar um desses gatilhos pode ser tão frustrante quanto prazeroso. O diário de passagem acolhe fragmentos que, de algum modo, marcaram a vida de quem o escreve. O diário que surge a partir desta pesquisa recebe ilustrações que fazem parte de uma série de mais de 100 desenhos em miniatura, a maioria em preto, branco e vermelho, cores que acabaram se tornando uma das principais marcas de um trabalho gráfico que remete muito à arte afro indígena (Figura 30).



Figura 30 Representação projeto piloto 01. Fonte: Arquivo pessoal.

Estas representações ilustram uma vida cheia de fases que procuram responder de onde vêm tantos personagens e quem eles são. Em cada página a costura percorre toda a área de maneira fragmentada, remete ao arquétipo da mulher, a figura adulta que costura e

transmite a memória familiar, a mão que costura para vestir o corpo que serve como casa para tantos sentimentos.

As mãos são uma das partes mais preciosas do corpo. É com ela que se toma posse do mundo e se pode criar, destruir, tocar, sentir. Em meio a tantas memórias, lembro bem de quando descobri que a minha pele tinha cor e que isso era algo ruim, minha pele configurava exclusão e repulsa. Foram longos anos de luta para vencer o preconceito e provar para mim mesma que a minha cor de pele era o meu bem mais precioso.

Rosana Paulino é uma artista negra que conquistou o espaço da arte brasileira afirmando que arte negra não é onda e que abordar questões raciais e de gênero é resistência, pois a arte negra não é nada mais nada menos que nossa própria vivência.

Segundo Merleau-Ponty (2004), vida e obra se comunicam. Os acontecimentos da vida podem ajudar a construir nosso caráter, personalidade e é diante da busca por compreender o percurso, que surge a necessidade de representar o pensar estético e o pensar psicanalítico. Para o autor, a abordagem fenomenológica da percepção identifica-se com os movimentos do corpo e redimensiona a compreensão de sujeito no processo de conhecimento. Nesse sentido, o filósofo afirma que:

Não é o sujeito epistemológico que efetua a síntese, é o corpo; quando sai de sua dispersão, se ordena se dirige por todos os meios para um termo único de seu movimento, e quando, pelo fenômeno da sinergia, uma intenção única se concebe nele (p. 312).

Esta visão nos faz perceber que nosso corpo e nossos sentimentos podem ser traduzidos de diferentes formas. É possível criar um objeto que possa ser lido e percebido como uma extensão do próprio corpo. Assim como a pele, a costura se cria como uma trama cheia de sensações e significados, como a sensação de acidentalmente se rasgar no arame farpado e por alguns segundos ficar paralisado tentando entender o nível da dor. Ainda é possível lembrar como corpo, da ferroadada da abelha, da ardência das marcas de cinto, da queda que gerou cicatrizes e do abuso físico, sexual e emocional.

A pele carrega, além disso, o peso da cor. E como pesa! Exige a necessidade de se provar o tempo todo que é capaz. É se ver sempre na margem de risco. É uma marca que te sujeita a sempre pensar nas fronteiras que virão pela frente. Esta parte do diário vem como galhos,

como raízes ancestrais que fortalecem e individualizam o sujeito, a força e a compreensão como um ponto valioso para compreender a própria raça, a própria origem.

O diário de passagem, apresentado aqui como objeto de projeto, nasceu a partir deste trabalho e carrega a sensibilidade estética de um corpo que passou por agressões físicas e emocionais, que criou em seu próprio mundo a ideia de que era um corpo inútil e não digno de ser habitado. Escrever sobre si é como um resgate da autoestima e da crença de que tudo é possível desde que se acredite no que faz.

Este diário poderia ser um caderno brochura simples, ou fichário escolar. Nada impede que seja criado de um modelo de caderno comum, pois o diário de passagem assume a forma definida pelo autor, de acordo com suas possibilidades. A única premissa é que se crie uma rede afetiva, uma estrutura para que o indivíduo se sinta confortável durante o processo e possa fortalecer relações, diminuindo distâncias transacionais com pessoas que ela confie.

Para tanto e no domínio de várias técnicas – pintura, desenho, fotografia, tecelagem – a artista enfrenta os cânones da produção e difusão de conhecimento de origem colonial e os desconstrói, muito em particular o conhecimento científico e as narrativas religiosas, basilares na justificação do comércio da escravatura e da colonização do espírito.

3.2 Recontar sua história

Aqui eu descrevo o projeto piloto de forma muito pessoal. O diário de passagem fala da cicatrização de feridas a muito tempo abertas, e reinicia um ciclo muito mais leve da minha vida.

Morei boa parte do tempo em São Sebastião, cidade satélite de Brasília, passei alguns anos fora e recentemente retornei para a periferia. O retorno está presente em meu diário, os materiais escolhidos são referências visuais simbólicas que não poderiam ser encontradas em outro lugar que não fosse São Sebastião, esta cidade como boa parte do Brasil reúne pessoas de diversos lugares, seus dizeres, seus costumes, suas vestimentas e suas características físicas foram fundamentais para a criação dos personagens da série humanoides na Figura 31 podemos notar alguns desses elementos.



Figura 31 Estudo de características e vestimentas - projeto piloto 2 – 2018. Fonte: Arquivo pessoal.

Seis páginas iniciais foram produzidas neste percurso, a primeira apresenta a matriarca, traz elementos como um prego, representando persistência, frieza e rigidez, em outro ponto aparece um corpo acurado rodeado de flores estampados em tecido de chita. Ao lado sem olhos e boca aparecem pessoas que presenciaram momentos difíceis e não puderam impedir.



Figura 32 – Páginas do diário com escritas e representações. Fonte: a autora.

Cada página vem em estandarte e a opção por apresentá-la assim pode ter sido por memória das romarias que assisti na infância ou, simplesmente, pelo desejo de expor abertamente momentos marcantes. Representar a figura materna é algo muito significativo para mim, reorganiza os sentimentos e responde muitos questionamentos sobre a maternidade e a dificuldade da maternidade solo, como foi o caso de minha mãe. A segunda página apresenta os três filhos da matriarca, logo acima aparece o quarto filho preso em círculo negro, os três filhos se mantêm unidos, porém separados em suas cartas. São guardiões de um segredo, o maior segredo é protegido pelo filho desconhecido, o enforcado (Figura 32).

E assim seguem as próximas páginas... essas histórias são mesclas de histórias da minha vida com histórias de pessoas que conheci, com quem convivi, e que de alguma forma marcaram a minha vida, o diário aborda de forma colorida trechos bons e ruins, e nem sempre precisa dizer claramente qual o sentido de cada escolha, quem escreve ou ilustra tem total liberdade de revelar ou não a sua história (Figura 33).



Figura 33 – Páginas do projeto piloto - Diário de passagem. Fonte: arquivo pessoal.

O diário de passagem me permitiu contar trechos de uma fase muito triste, pessoas queridas partiram, me afastei de todos os meus familiares e reconstruí minha história através da arte e do design assim como eu, alguns jovens de ensino médio da Escola São Francisco relataram o desejo de poder contar um pouco de si em um diário para poder desabafar, digerir, questionar alguns momentos. (Figura 34).



Figura 34 – Estudantes do CED São Francisco junto a cartazes sobre questões emocionais.
Fonte: arquivo pessoal.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Somos treinados desde muito pequenos a não demonstrar emoções, quantas e quantas vezes crianças choram e ouvem imediatamente: “engole esse choro” engolir o choro nada mais é do que não demonstrar sentimentos, dor, raiva, medo... tudo isso sendo acumulado em pequenos corpos até que se tornam adultos sobrecarregados, que ao menor sinal de stress explodem ou sofrem processos depressivos profundos.

Em tempos difíceis no Brasil é comum ler em páginas de internet sobre pessoas que travam longas discussões na internet movidas por expressões de ódio reconhecer as emoções do utilizador e responder de acordo, é esta a base da inteligência emocional, o estabelecimento de empatia, a compreensão do outro e a consciência social.

Neste trabalho podemos perceber a importância das relações afetivas nas instituições públicas de ensino, apresentando projetos que visam mudar a forma como essas instituições lidam com estudantes que necessitam de apoio direto para lidar com crises emocionais.

É apresentada aqui uma ferramenta a mais para lidar com expressões, gestos e falas que podem identificar problemas emocionais que muitas vezes não são percebidos pela família, amigos e professores. Conhecer o interior de cada pessoa\estudante, acessar suas memórias e conflitos através da escrita de um diário ilustrado pode apresentar novas soluções para o processo de ensino.

Trata-se de um diário, o que o torna diferente é a forma como sua montagem deve ser organizada, que contenha atividades motivadoras, criativas propondo uma rede de acolhimento estratégica para atender as necessidades de pessoas vulneráveis, professores, alunos etc. Oportunizar as pessoas através das estratégias do design emocional bases para que todos possam refletir sobre suas criações e possam se sentir capazes de solucionar problemas encontrando soluções.

Aproximar design e educação nos leva a descobrir a importância de traçar projetos consistentes voltados para o convívio social. Cada sujeito que compõe uma comunidade é responsável por ressignificar a educação, usufruindo, participando e construindo coletivamente. O diário de passagem não é uma solução de problemas, mas um desafio que se apresenta como primeira motivação de interesse para projetos maiores, tanto no campo do

design como para professores e alunos em sala de aula. Abre a possibilidade de trabalhar várias vertentes, permeando campos delicados com cuidado e sensibilidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FONTOURA, Antonio Martiniano. EdaDe: a educação de crianças e jovens através do design. Tese de doutorado. Florianópolis: UFSC, 2002.

FORLIZZI, J.; DISALVO, C.; HANINGTON, B. 2003. Emotion, experience and the design of new products. *The Design Journal*, 6(2):29-38. FORLIZZI, J.; FORD, S.;

HANINGTIN, B. 2000. The building blocks of experience: An early framework for interaction designers. In: **CONFERENCE ON DESIGNING INTERACTIVE SYSTEMS: PROCESSES, PRACTICES, METHODS, AND TECHNIQUES**, 3, New York City, 2000. Anais... New York, DIS '00. ACM, p. 419-423

Frayze-Pereira, J. (2006). *Arte, dor. Inquietudes entre estética e psicanálise*. São Paulo: Ateliê Editorial.

BEHAR, P. A.; TORREZZAN, C. A. W (2009). Metas do design pedagógico: um olhar na construção de materiais educacionais digitais. *Revista Brasileira de Informática na Educação*, Vol. 17, no 3, p.11-24. <http://www.brie.org/pub/index.php/rbie/article/view/1023/1015>. Julho.

PALLOFF, R. M e PRATT, K (2002). *Construindo comunidades de aprendizagem*. Trad. Vinícius Figueira, Porto Alegre, Editora ARTMED.

DESMET, P. 2002. *Designing emotions*. Delft, The Netherlands. Tese de Doutorado. Delft University of Technology, 225 p.

CADENA, Renata Amorim. *Linguagem gráfica efêmera: uma investigação acerca das mensagens produzidas no quadro em escolas do Recife de ensino fundamental*. Monografia de Graduação. Recife: UFPE (Departamento de Design), 2010.

_____ & **COUTINHO**, Solange Galvão. *Análise da linguagem gráfica em construção: o uso “do quadro” nas aulas expositivas no ensino fundamental brasileiro*. Projeto de Pesquisa aprovado pela Fundação de Amparo a Ciência e Tecnologia de Pernambuco (Facepe). Recife, 2009. Mimeo.

CITELLI, Adilson Odair. “Educação e mudanças: novos modos de conhecer”. Em

CITELLI, Adilson Odair (coord.). *Outras linguagens na escola: publicidade, cinema e TV, rádios, jogos e informática*. Coleção Aprender e Ensinar com Textos. Vol. 6. 4 a ed. São Paulo: Cortez, 2004.